

**O Homem Pantaneiro e Atividades de Turismo:  
Algumas Reflexões Sobre Cultura, Identidade e Territórios**

**Débora Fittipaldi Gonçalves<sup>1</sup>  
Marina Evaristo Wenceslau<sup>2</sup>  
Daniela Sottili Garcia<sup>3</sup>**

**Resumo**

O Pantanal Mato-Grossense - PMG, um local cheio de atributos ambientais e sociais destaca-se no cenário mundial pelas suas particularidades. Busca resistir aos tempos com seus ideais, tradições, costumes e etnias, que ali se instalaram e constituem sua cultura promovendo uma forma histórica e peculiar de preservar a região: uma parceria inusitada entre esta e o ser humano que a caracteriza. Nas últimas décadas as atividades de turismo desenvolvidas na região do Pantanal têm sido alvo da preocupação de moradores e pesquisadores no que diz respeito à preservação do espaço e cultura pantaneira em detrimento do afluxo e interferências culturais exógenas. O presente artigo objetiva apresentar algumas questões que circunscrevem a cultura e identidade pantaneira, enquanto territórios e territorialidades, que se percebem ameaçados e desafiados a outras construções em constantes processos de reconstrução, em razão da presença de atividades de turismo na Região do Pantanal Mato-Grossense. Por meio de análise observacional, participativa e levantamento bibliográfico.

**Palavras-chave:** Pantanal Mato-Grossense. Cultura. Identidade. Turismo. Territórios.

**Introdução**

O Pantanal Mato-Grossense se destaca em nível mundial, pelas suas características ambientais e sociais. O homem pantaneiro, busca resistir ao tempo com seus ideais, tradições, costumes e etnias dos povos que ali estão instalados e constituem assim sua cultura, promovendo uma forma histórica e peculiar de preservar a região.

Esta região e seus habitantes, iniciando uma nova atividade econômica, social e ambiental - o turismo - buscam identificar meios que possam auxiliar no seu

---

<sup>1</sup> UEMS – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, curso de Turismo. Mestre em Desenvolvimento Regional – FURB.

<sup>2</sup> UEMS – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, curso de Turismo. Doutora em História Social –USP.

<sup>3</sup> UEMS – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, curso de Turismo. Doutoranda em Geografia – UFPR.

desenvolvimento, ao mesmo tempo, que se questiona se a preservação do seu *habitat* ainda é possível com a adoção desta prática.

Desta forma o presente artigo apresenta algumas questões que circunscrevem a cultura e a identidade pantaneira, enquanto territórios e territorialidades, em razão da presença de atividades do turismo na Região do Pantanal Mato-Grossense.

Segundo Nogueira (1990), o Pantanal e o homem pantaneiro se complementam, interagindo e formando parceria indissociável. Buscando a preservação da Região do Pantanal requerendo indubitavelmente resguardar a vida e a cultura suas identidades do homem característico desta região.

Para Gonçalves *et al* (2000), a vinda de turistas à região pantaneira e conseqüente a entrada de forma brusca nesse *habitat*, acabam por modificar a vida e o comportamento do homem pantaneiro. Sendo que antes eram de índole quieta, reflexiva, introvertida que raramente gostava de uma conversa formal, pois apesar de alegre, quando em conversa com estranhos, este pantaneiro se fecha, tornando-se discretos. Com a chegada dos turistas esse mesmo pantaneiro passa por transformações e agora nota-se, que o pantaneiro, como uma pessoa necessariamente falante, contador do tipo de vida para os turismólogos que ali buscam desenvolver pesquisas e com a chegada de repórteres e turistas para conhecer o Pantanal (BARROS, 1998).

A comercialização da cultura tornou-se, hoje, um dos pontos mais fortes para o turismo no Brasil. Há que se cuidar para não invadir a cultura regional ou modificar determinados aspectos da mesma.

A interferência de fenômenos dos mais diversos, dentre eles, o inter-relacionamento com elementos de culturas diferentes e a assimilação de comportamentos até então alheios ao grupo podem corroborar para a fragilização de seus costumes e práticas seculares. Desta forma destacamos que o homem e a região pantaneira mantém suas características próprias, mesmo havendo modificações, não perde sua essência.

## **1 O Pantanal e o Homem Pantaneiro: uma tessitura ímpar**

O Pantanal Mato-Grossense foi reconhecido pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura - UNESCO como patrimônio da humanidade, pois devido às suas diversificadas reservas naturais, “é a maior planície inundável do continente

americano e a mais extensa superfície úmida do planeta” (NOGUEIRA, 1990, p. 14). Todo o Pantanal faz parte da bacia do Rio Paraguai, localizando-se no interior da América do Sul.

O Pantanal é subdividido em onze áreas diferenciadas, sendo elas: Paiaguás, Nhecolândia, Abobral, Nabileque, Cáceres, Poconé, Barão de Melgaço, Paraguai, Aquidauana, Miranda e Porto Murtinho (EMBRAPA PANTANAL, 2008).

Historicamente, o homem pantaneiro teve seu surgimento ligado a diversas influências, tais como bandeirantes, nordestinos, negros e indígenas das antigas tribos locais. Também exerceram sua influência os paraguaios e os bolivianos, que adentraram o território brasileiro em busca de trabalho. Toda essa confluência de etnias, usos e costumes legaram ao pantaneiro, modos de vida, os mais diversos, que foram se transformando ao longo dos anos. O homem pantaneiro ainda sofreu influências dos povos palestinos, libaneses, sírios, turcos e armênios (SIGRIST, 2000).

Por homem pantaneiro, entende-se o indivíduo natural do Pantanal ou aquele que, mesmo não tendo nascido lá, assimilou a vivência daquele nativo, compartilhando dos hábitos e dos costumes típicos da região.

O Pantanal e o pantaneiro se completam e se integram, pois um precisa do outro para sobreviver. Ele possui uma característica própria que é fundamental na configuração de sua cultura, é um zoólogo, botânico, geógrafo, o verdadeiro conhecedor da natureza local (LEITE, 2003).

A diversidade de atividades, costumes e serviços estão transformando a cultura pantaneira. Para a pesquisadora Nogueira (2002), o maior acesso às cidades é um dos fatores que contribuem para a transformação dos comportamentos e costumes do pantaneiro, além das mudanças ecológicas, eletrificação rural, mídia, relação patrão/peão e o avanço da atividade turística. Esses fatores também afetam a forma de se vestir do pantaneiro, fator denominado de transculturação, ou seja, adaptação ao meio, alterando desta forma o modo de ser do peão e de sua cultura.

Ao defrontar-se com os espaços urbanos, sua espontaneidade e todo o seu conhecimento empírico muitas vezes se perdem e/ou se confundem em meio à tecnologia e informação. Isso contribui no ato de mudar a essência do peão pantaneiro, uma vez que, segundo Raffestin (1986), o acesso ou não à informação auxilia a comandar os processos de territorialização e desterritorialização de diferentes grupos sociais.

A comercialização da cultura como um produto assume cada vez mais um viés com sérias implicações sociais, entretanto, nos dias atuais se apresenta como um dos pontos mais fortes para o turismo no Brasil. No caso do Pantanal, há que se cuidar para não invadir a cultura regional e modificar radicalmente determinados aspectos da mesma. O sistema cultural pantaneiro, após a formação e consolidação de seus aspectos básicos, tende na atualidade a desenvolver outros costumes e práticas em decorrência da interferência dos mais diversos fenômenos, dentre eles, o inter-relacionamento com elementos de culturas diferentes e a assimilação de comportamentos até então alheios ao grupo social.

Passamos constantemente de um território ao outro, mas também não quer dizer que destruímos o anterior. O ser humano detém a capacidade de intervir e transformar os espaços nos quais transita da mesma forma que é afeto as suas demandas. Constantes movimentos de desterritorialização e reterritorialização integram a trajetória dos humanos, em decorrência a construção e reconstrução de sua cultura, identidades, espaços e lugares permitindo assim uma nova realidade - vir a emergir.

Diferentes ritos, expressões, gestos, canções, crenças e vivências em contínuo trazem à luz diferentes ângulos e matizes da cultura pantaneira, sua gente, sua forma de ser e fazer. Dentro de uma perspectiva da valorização de sentido particular, ele evoca o universo cultural pantaneiro, colocando o ser humano como um elemento essencial para a sobrevivência do ecossistema.

Segundo Bonnemaïson e Cambrèzy (1996), toda essa carga de simbolismo presente em um determinado território é tão grande que pode ser vista como um construtor de identidade, sendo, quem sabe, um dos fatores mais importantes e eficazes neste processo.

Pela linguagem, o homem pantaneiro transmite de geração em geração seus mitos, lendas e histórias buscando articular, compreender e responder com elas e a partir delas, conflitos e situações das mais diversas do que está presente no seu cotidiano. Tece relações sagrado e o profano, o individual e o coletivo, o próximo e o distante, o presente, o passado e o futuro no intuito de superar as condições de provisoriedade e inconclusão de sua condição como ser humano, buscando romper limites e promover encontros com outras situações, pessoas e realidades, compondo e recompondo assim seu *ethos*, sua cultura e identidade. As relações entre o individual e o coletivo estão interconectadas, se fundem por estarem na mesma dimensão e se diferenciam nos níveis de realização, a segunda é o reflexo da primeira.

O Pantanal é formado por diversos ecossistemas e funciona de uma forma conjunta. Estudos e pesquisas têm revelado que, com o passar do tempo, ela não resistirá. Acabará principalmente pela exploração inadequada que se vem fazendo nas grandes fazendas principalmente pela destruição do *habitat* natural de diversos animais.

## **2 Turismo e Cultura Pantaneira: encontros e desencontros**

O fácil acesso à informação leva o turista a descobrir lugares como o Pantanal. A procura pelo turismo rural cresce a cada dia e os proprietários de fazendas investem e inovam em suas propriedades, alterando o comportamento e o ritmo de vida das mesmas. Com isso, os peões realizam suas atividades de lida diária na presença de pessoas estranhas, que querem conhecer seu trabalho, os levando os procedimentos não costumeiros. Nestes processos, acabam por vezes adotando comportamentos exógenos influenciados por outras pessoas, turistas.

Nogueira (1990) afirma que dois lados devem ser analisados: um sobre a cultura e este homem diferenciado e único e o outro, o lado da modernidade e das suas tecnologias ao alcance de todos. Com a chegada da televisão e do rádio este homem passou também a querer conhecer outras culturas, todavia, isso teve como uma das consequências a fragilização e, por vezes até a perda, de várias características naturais, ou seja, a essência do seu modo de viver. A tradição está sob uma forte pressão do novo, do conhecer, do desvendar, com isso levando muitas vezes a reprodução de outras culturas, desvalorizando a nativa.

As variáveis apresentam-se de forma interconectadas, buscando compreender o processo de turismo ligado à cultura local. A desconexão, não articulação e não verificação da amplitude que estes conceitos possuem, tem ocasionado uma descaracterização nas propostas de turismo empreendidas em muitas regiões do país, entre elas a do Pantanal Matogrossense levando à alteração de todo um processo de turismo, que se pautar pela responsabilidade, cuidado e compromisso com o patrimônio material e imaterial em questão.

O que é preciso entender é que este tripé está interconectado, mas a dissociação entre as partes de uma forma abrupta e estanque é algo que acontece seguidamente. Os motivos são diversos, entre eles podemos citar que, esses bens e serviços não estão apenas para servir o turismo; nem todos têm o interesse em manter um patrimônio para fins turísticos e eles são construídos e consumidos rapidamente. Muitas vezes, a dificuldade no acesso ao patrimônio e

conseqüentemente à cultura, assim como a relação entre os atores se torna conflitante e contribui na construção e/ou desconstrução de uma dada cultura com o passar do tempo, para todos os envolvidos.

Um patrimônio pode ser classificado como natural e cultural, sendo primeiro as riquezas que estão no meio ambiente, no solo e subsolo, e o cultural são tudo aquilo que representa o fazer do ser humano.

Toda a construção material ou não, móvel ou imóvel sendo parte de um povo é sua cultura, assim ela se manifesta em ações cotidianas. Com isso os traços da cultura devem ser reconhecidos com dignidade e conservados pelo seu povo através de gerações. O turismo é um dos principais meios de aproximação de pessoas, ou seja, ele aproxima culturas diferentes, compostas por elementos básicos como a crença, símbolos, idioma, valores, onde se tem a oportunidade de compartilhar conhecimentos, saberes, idéias sobre a natureza da vida promovendo intercâmbio e interações entre eles.

O turismo possui diversas classificações e subdivisões. O turismo rural é uma dessas classificações e segmentações e também está muito presente na região do Pantanal. O turismo no meio rural são atividades de lazer realizadas neste meio e abrangem diversas modalidades de turismo: turismo rural; ecológico, aventura, cultural, negócios, social, entre outros. Ele se relaciona com qualquer atividade de lazer e turismo que se realiza no meio rural, sendo que geralmente os termos utilizados “turismo no meio rural e turismo rural” servem de sinônimos do significado de agroturismo (CAMPANHOLA; SILVA, 2000).

A chegada de visitantes/turistas para a localidade rural estimula a valoração de recursos endógenos, faz com que as pessoas busquem em seus antepassados um pouco de suas raízes e consigam conhecer e compreender um pouco de um outro mundo do qual elas não estão habituadas a viver. Quando há um patrimônio cultural, este por muitas vezes auxilia na preservação da identidade da comunidade. Como toda e qualquer forma de intercâmbio cultural, o turismo rural pode acabar influenciando e muitas vezes prejudicando um tipo de cultura mais fragilizada, pelos seus impactos que são “resultados das relações sociais mantidas durante a estada dos visitantes, cuja intensidade e duração são afetadas por fatores espaciais e temporais restritos” (OMT, 2001, p. 215).

O contato intercultural promovido entre turista e morador local pode acabar por modificar a cultura, mas para que isso seja algo positivo ou negativo tudo dependerá da distância, abordagem e relações a serem estabelecidas entre os grupos. Um ponto que pode

minimizar os impactos culturais é o conhecimento, que os turistas têm sobre comunidade que está se visitando.

Para que esses impactos não sejam prejudiciais, são necessários encontros qualitativos entre os moradores locais e os visitantes como, por exemplo, quando os visitantes compram um bem ou serviço do morador local, compartilham um mesmo local e/ou trocam informações e idéias. A dimensão que estes impactos vão causar entre visitantes e moradores locais irão variar com as diferenças existentes entre eles, sendo que as principais estão relacionadas aos usos, costumes e valores que ali circulam (OMT, 2001).

Para Xosé Solla (2002) é imprescindível que se cuide da identidade dos moradores locais, pois a influência de novas culturas pode favorecer o desaparecimento de uma cultura local. Neste contexto, segundo ele, existem pontos que podem ser discutidos e trabalhados com a comunidade local, como por exemplo, que esse tipo de turismo gera renda, cuidado ambiental, preservação do patrimônio, crescimento, uma coesão entre comunidade – visitantes; sendo assim, é preciso trabalhar de forma qualitativa para que essa tessitura de ruralidade seja mantida em seus aspectos socioculturais do território.

Existem algumas tendências que precisam ser vistas com certa rapidez nesse conjunto de turismo/patrimônio/cultura, que são uma visibilidade ao meio rural e as conseqüências das modificações na vida rural e urbana, ampliar o olhar para as questões de patrimônio imaterial, sendo ele a cultura, mostrando as tradições culturais e valorizar a história oral, pois é com ela que será transmitido o saber, estilos de vida e sua história.

A cultura pantaneira tem muito de oralidade e para que esta cultura sobreviva é necessário mantê-la e valorizá-la; é com ela que se incrementará o turismo. Azevedo (2002, p. 142) menciona em seus estudos que “a memória brasileira não pode estar fragilizada a ponto de esquecer como as comunidades tradicionais contribuíram – e vêm contribuindo para nossa consolidação de nossa nacionalidade e do mercado interno [...]”.

Quando se refere à comunidade local e patrimônio cultural é importante e necessário fazer um planejamento prévio e detalhado para se minimizar os impactos negativos, que poderão vir a destruir este patrimônio Existe uma preocupação muito grande com o desenvolvimento desejado e a exploração que acontece na Região do Pantanal. Neste sentido, é preciso refletir principalmente sobre os aspectos sociais e culturais deste território, onde o homem pantaneiro deve ser ouvido para poder interagir e contribuir qualitativamente no desenvolvimento de seus territórios e territorialidades.

Os resultados de uma pesquisa (GONÇALVES, 2008) desenvolvida com treze homens pantaneiros, que moram ou trabalham em cinco fazendas da Sub-Região de Miranda, Pantanal Matgrossense e desenvolvem atividades de turismo rural em relação às questões discutidas neste artigo sinalizaram, entre outros pontos para: a relevância da relação tecida histórica e culturalmente entre o Pantanal e o homem pantaneiro a preservar o patrimônio geográfico, humano e cultural nesta região; a presença das crenças que integram o substrato cultural deste grupo social como um dos fios orientadores na vida, lida e atividades de turismo e a percepção de um movimento de construção e reconstrução simbólica e geográfica, que desafia as gerações mais novas a um processo de discussão sobre atividades de turismo, que podem por um lado trazer reconhecimento e valorização da cultura e do homem pantaneiro, assim como, pode servir de instrumentos para a fragilização de seus territórios e territorialidades.

### **Considerações Finais**

No trajeto empreendido na elaboração deste artigo nos deparamos com um caminhar diferenciado, paciente, próprio da cultura pantaneira, por isso mesmo, muito atento e cuidadoso com seu devir e entorno; neste estudo em particular, à entrada de elementos estranhos à sua cultura via atividades de turismo; espaço com lugares e possibilidades de desenvolvimento para alguns e possíveis processos de descaracterização para outros.

As atividades de turismo podem ser portadoras de reconhecimento e valorização da cultura e do homem pantaneiro, assim como podem transformar-se em instrumentos de fragilização de seus costumes, crenças e *habitat*, quando praticadas de modo indiscriminado. Os impactos causados pelo turismo podem ser diferenciados em relação à abrangência cultural e geográfica. Quando direcionados, integrados e atentos à cultura local podem gerar valorização, socialização e interação de conhecimentos e culturas, senso de participação e integração social, assim como divisas e desenvolvimento sob o tripé turismo, cultura e patrimônio.

Problemas decorrentes do desconhecimento e conseqüente ausência de manejo e sabedoria dos interventores não pantaneiros para interagir qualitativamente na região, o êxodo rural e o turismo predatório contribuem no processo de descaracterização da cultura pantaneira e conseqüentemente, da vida no Pantanal. O turismo rural tem as bases como uma atividade processual capaz de gerar conhecimentos para turistas, visitantes e guias no contato direto com a natureza, ampliando a capacidade de identificação ambiental. Tem como

atividades passar informações, curiosidades relacionadas à natureza, costumes e a história local, o que possibilita uma integração mais educativa e envolvente com a região (BRITO, 2006).

O desenvolvimento do setor de turismo sem uma proposta que não perca de vista o cuidado específico de preservar a identidade, vida e patrimônio cultural do homem pantaneiro, atenta às mediações simbólicas que nela transitam e auxiliam na constituição e tessitura de sua cultura, pode vir a fragilizá-la.

Para Bonnemaïson e Cambrèzy (1996) apud Costa (2006, p. 72):

O poder do laço territorial revela que o espaço está investido de valores não apenas materiais, mas também éticos, espirituais, simbólicos e afetivos. É assim que território cultural precede o território político e com ainda mais razão precede o espaço econômico.

Com isto, apreende-se a angústia nas palavras de Barros (1998, p. 07) ao dizer que tem “pressa em cumprir esta tarefa, pois cada vez me parece mais nítida a idéia de que o homem pantaneiro constitui a única espécie em extinção neste santuário ecológico”.

Para que isto não ocorra o território pantaneiro deve ser compreendido em sua totalidade, em todos os âmbitos que abrange, seja no viés geográfico, político, cultural, ambiental entre tantas outros vieses pelos quais se apresenta, nas múltiplas relações que o território tem em conjunto com as outras dimensões, espaços e lugares que o constituem.

## Referência Bibliográfica

AZEVEDO, J. **Cultura, Patrimônio e Turismo**. In: IRVING, Marta de Azevedo, Azevedo, Julia. *Turismo: o desafio da sustentabilidade*. São Paulo: Futura, 2002.

BARROS, Abílio de. **Gente pantaneira: (crônicas de sua história)**: Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 1998.

BONNEMAISON, J e CAMBRÈZY, L. **Le Lien territorial: entre frontières ET Identités**. Géographies et Cultures (Le Territoire), n.20. Paris: L'Harmattan, 1996.

BRITO, F. **Corredores ecológicos: uma estratégia integradora na gestão de ecossistemas**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2006

CAMPANHOLA, C.; SILVA, J. G. da. **O agroturismo como nova fonte de renda para o pequeno agricultor brasileiro**. In: ALMEIDA, Joaquim Anécio; RIEDL, Mário. *Turismo rural: ecologia lazer e desenvolvimento*. Bauru, SP: EDUSC, 2000. p. 145-179.

**COSTA, R. H.O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” a multiterritorialidade.** 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

EMBRAPA PANTANAL. Disponível em <http://www.cpap.embrapa.br>. Acesso em: 27 jan 2008.

LEITE, E. F. **Marchas na história: comitivas e peões-boiadeiros no Pantanal.** Brasília: Ministério da Integração Nacional; Campo Grande, MS: ED. UFMS, 2003.

GONÇALVES, D. F. BERNART, F. de A. ZARDIN, S. G. et al. **O peão pantaneiro sul-mato-grossense: sua vida e sua história.** Trabalho de Conclusão de Curso. Campo Grande – UCDB, 2000.

GONÇALVES, D. F. **O Homem Pantaneiro, suas crenças e atividades de turismo: uma leitura a partir da sub-região de Miranda.** Dissertação de Mestrado Universidade Regional de Blumenau – SC – 2008.

NOGUEIRA, A. X. **O que é pantanal.** Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 1990.

\_\_\_\_\_. **Pantanal: homem e cultura.** Campo Grande, MS: Ed UFMS, 2002.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO. **Introdução ao turismo.** Tradução de Dolores Martin Rodriguez Córner. São Paulo: Rocca, 2001.

RAFFESTIN, C. **Éconogènese territoriale ET territorialité.**In: Auriac, F. e Brunet, R. (orgs) *Espaces, Jeux ET Enjeux.* Paris: Fayard, Fondation Diderot, 1986.

SIGRIST, M. **Chão batido, a cultura popular de Mato Grosso do Sul: Folclore – Tradição.** Campo Grande: Ed. UFMS, 2000.

SOLLA, X. M. **Turismo Rural. Tendências e perspectivas.** In: IRVING, Marta de Azevedo, Azevedo, Julia. *Turismo: o desafio da sustentabilidade,* São Paulo: Futura, 2002.